



1290003323



FE

TCC/UNICAMP L116f

JULIANA ROSSI DE AGUIAR LACERDA

**A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E O ESTABELECIMENTO DE
LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINAS
2006**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E O ESTABELECIMENTO DE
LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JULIANA ROSSI DE AGUIAR LACERDA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para o
curso de pedagogia, sob orientação da
professora Dra Ana Luiza Bustamante
Smolka.**

**CAMPINAS
2006**

UNIDADE:	F-E
Nº CHAMADA:	L116f
V:	
TOMBO:	3323
PROC.:	145104
C:.....D:	X
PREÇO:	
DATA:	22/11/07
Nº CPD:	418901

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L116f Lacerda, Juliana Rossi de Aguiar.
A formação da personalidade e o estabelecimento de limites na Educação Infantil/ Juliana Rossi de Aguiar Lacerda. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador: Ana Luiza Bustamante Smolka.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação infantil. 2. Educação de crianças. 3. Personalidade.
4. Psicologia infantil. 5. Disciplina escolar I. Smolka, Ana Luiza Bustamante.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-105-BFE

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka

2º Leitor: Prof. Dra. Ângela Fátima Soligo

Dedico este trabalho a:

Minha sobrinha Julia que trouxe à nossa família uma nova alegria de ter um bebê... expectativas e novas experiências..

As crianças que são para mim uma fonte de motivação!

AGRADECIMENTOS

Deus... meu grande pai!

A professora Ana Luiza B. Smolka por me ajudar a construir este trabalho. Agradeço suas orientações, paciência e atenção.

Meu esposo Ewerson, que me compreendeu nos momentos em que estive ausente, meu amor!

Ao meu pai e mãe.

Minha amigas de faculdade, Elaine, Carmem, Vanessa, Cecília que dividiram comigo a luta e êxito de quatro anos de formação.

Aos meus irmãos queridos William e Luciene. Minha irmã grande amiga que muitas vezes me aconselhou e incentivou.

Ao seu esposo Pr. Renato pelos conselhos e distração, grande amigo!

As amigas, Tânia e Joseane que desde minha adolescência estão comigo.

A minha amiga-irmã de coração Liliane, que como eu viveu as dificuldades e vitórias de uma faculdade. Que mora no meu coração.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. Algumas considerações sobre a personalidade e estabelecimento de limites e disciplina.....	9
2. Personalidade: conceitos, teorias e discussão na educação.....	20
3. Estabelecimento de Limites e Disciplina na Educação Infantil e Família.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de relacionar e problematizar a relação entre a formação da personalidade e a configuração de limites na educação infantil. Dessa forma, conhecer e aprofundar o conhecimento sobre a questão e além disso relacionar e discutir as concepções teóricas com a prática cotidiana.

Algumas questões nortearam esta pesquisa:

- Como se dá a formação da personalidade na criança?
- Como se coloca a questão dos limites que o meio impõe às crianças?
- Qual a relação entre personalidade e limites?

O trabalho de pesquisa busca articular uma revisão bibliográfica de abordagens teóricas com a vivência da professora pesquisadora, fazendo referências à sua prática.

Utilizei nesta pesquisa de algumas experiências vivenciadas em minha prática como professora e também de colegas de trabalho. Relacionei as experiências com contribuições dos meios de comunicação, em destaque a mídia.

Considerando estes aspectos prossegui com a análise teórica sobre o tema, destacando as contribuições de Lev Semenovitch Vygotsky (1896 – 1934) e Henri Wallon (1879 – 1962):

- Homem ser social;
- Se constitui nas e através das relações
- Utiliza de signos e significados na formação da personalidade

Limites:

- Sociedade, cultura e experiência educativa contribuem para a formação da noção de limites

- Como restrição e também como superação;

- ...é possível afirmar que um comportamento mais ou menos indisciplinado de um determinado individuo dependerá de suas experiências, de sua história educativa, que por sua vez, sempre terá relações com as características do grupo social da época histórica em que se insere. (REGO. 1996. p. 96).

CAPÍTULO 1.

Algumas considerações sobre a personalidade e estabelecimento de limites e disciplina

Pessoas são diferentes

São duas crianças lindas
Mas são muito diferentes!
Uma é toda desdentada,
A outra é cheia de dentes...
Uma anda descabelada,
A outra é cheia de pentes!
Uma delas usa óculos,
E a outra só usa lentes.
Uma gosta de gelados,
A outra gosta de quentes.
Uma tem cabelos longos,
A outra corta eles rentes.
Não queira que sejam
iguais,
Aliás, nem mesmo tentes!
São duas crianças lindas,
Mas são muito diferentes!

(Ruth Rocha)

Algumas idéias iniciais:

Pessoas, convivências, signos e significados, palavras, conflitos, mais pessoas...

Como o indivíduo se constitui? Podemos pré-determinar o que ou como serão?

Como a criança constrói a noção de regras e limites? O que é (in) disciplina?

São dúvidas que frequentemente permeiam minha prática como professora. Encontramos diversos desafios no nosso cotidiano com as crianças, e estes nos trazem algumas divergências e até certo “mal estar”.

A discussão que proponho é entender um pouco mais sobre nossas crianças atualmente e estes desafios, abrangendo a relação entre a formação da personalidade e sobre os limites e (in)disciplina, trazendo à análise situações que presenciamos nas instituições de ensino.

É grande o desafio que os educadores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola, tanto na pública como na particular... Sabemos também que não se trata de um problema apenas brasileiro, apesar das peculiaridades encontradas aqui... Esta questão tem ocupado um espaço cada vez maior do cotidiano escolar no País. (VASCONCELLOS. Artigo virtual *)

Em relação à educação das crianças pequenas o assunto sobre formação de personalidade, construção de limites e (in) disciplina é complexo. Os olhos dos adultos pouco se voltam para elas, principalmente quanto ao que são, porque para os adultos muitas vezes estas vão ainda ser... Porém nas creches, nos espaços de educação infantil, pode-se observar como elas estão interagindo, com outras crianças, de uma mesma idade ou não, com adultos, como reagem às possibilidades e a interferências do meio; como lidam com as rotinas e os materiais, enfim como vão aprendendo, se apropriando da cultura, se desenvolvendo. No âmbito dessas interações cotidianas, trocas de experiências, interferências, existem os conflitos particularmente com as relações. “A distinção entre o eu e o outro só se adquire progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais”. (GALVÃO. 1995. p.50)

O espaço da educação infantil é rico para essa interação e diferença do eu e o outro, onde há o contato das crianças entre si e adultos que não são seus familiares. Este ambiente é propício para aprendizagem, conhecimento de mundo e exploração da criança.

Desde 2004 trabalho em uma creche pública. Assumi uma turma do maternal II, com idade de 2 a 3 anos, havia duas crianças que todos diziam: “são impossíveis”, no sentido de não seguirem regras e muitas vezes não cumprir os “combinados”.

* www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf. Pesquisado em 18/10/2006

Presenciei, diversas vezes no momento da entrada, uma dessas crianças em conflito com a mãe, se jogando no chão, cuspidando em uma colega de trabalho, cruzando os braços e se recusando a conversar com alguém, enfim expressões que denominamos como se fosse sua personalidade: “esta tem um gênio... personalidade forte!”.

Trabalho atualmente com bebês da faixa etária de quatro a quinze meses, que ainda não falam, mas expressam com gestos, movimentos, choro, olhares, sons o que estão sentindo e o que “querem”. Manifestam em atitudes no dia-a-dia o que nós adultos procuramos decifrar.

O que mais era intrigante é que não sabíamos lidar com essas situações, ou seja, as questões relacionadas à personalidade da criança e à interpretação que se recolocam. Com os bebês também não é diferente. Há, por exemplo, um garoto de minha turma, com oito meses, que segundo as professoras “necessita da presença de um adulto com ele nos braços”. Particularmente na minha presença, este chora, sacode os pequenos braços e insistentemente quer colo. Quando tentamos colocá-lo no chão para brincar ele nos segura, encolhe as perninhas e novamente chora. Seria de sua personalidade a característica de ser mais “exigente”? Ou o garoto está agindo dessa forma como reação à interpretação e à atitude dos adultos que não conseguem estabelecer algumas regras e limites nas suas relações com este bebê? Pode um bebê já construir regras? Este consegue compreendê-las?

Recentemente, uma emissora de televisão – SBT- está transmitindo um programa sobre crianças no ambiente familiar. O programa traz a problemática que os pais estão vivenciando sobre a difícil tarefa de educar seus filhos... para isso pedem ajuda a uma profissional, que vai até a casa das famílias propor “limites” para as crianças e aos pais. A ênfase maior da psicóloga que orienta os pais é na questão de “disciplinar” as crianças, dando-lhes limites e rotina, e quando necessário “punir”, deixando-as em

cantinhos o qual ela denomina de “cantinho da disciplina” – um lugar que não seja o de brincar, dormir onde a criança permanece caso não cumpra as regras. Para cada ano que a criança tem é um minuto no cantinho.

Trata-se de um método que a mídia aproveitou para ganhar ibope sobre um conflito que as famílias e escolas estão presenciando em relação à personalidade e a construção de regras nas crianças pequenas.

Nas condições atuais houve avanços como os direitos das crianças, pedagogia infantil e um olhar de pesquisadores voltados para a primeira infância. Não mais um olhar voltado ao que a criança poderá ser, mas à sua experiência, onde a criança possui o direito de uma educação infantil. Porém, muitos professores se vêem confusos quanto aos limites dessas crianças e também seus familiares.

A conquista da pedagogia infantil concebendo a criança como um indivíduo que possui suas características específicas, ou melhor, *a criança como um ser organizado e competente, finamente adaptado às exigências de cada fase de sua vida...* (CARVALHO & BERALDO. Cad. Pesq. Nov. 89. P. 57), trouxe um novo olhar sobre a educação infantil. Principalmente porque abriu um leque de oportunidades, de interações e experiências para as crianças. No entanto, um questionamento diante disso fez com que eu partisse para a realização dessa pesquisa, as crianças se constituem em suas relações? Como constroem regras? Como podemos interferir e em quais situações?

O objetivo desse trabalho é refletir e contextualizar as vivências em relação com as teorias e caminhar na perspectiva de conhecer melhor a infância e conceituá-la, numa visão também da psicologia, de maneira a poder encontrar possibilidades de atuar melhor em minha prática, no relacionamento e cotidiano com as crianças.

Diante da problemática da personalidade, o programa do SBT, “Super Nanny”, visa à criança como sujeita ao seu ambiente, ou seja, aos pais, por isso a psicóloga

orienta-os a modificar sua maneira de agir com a criança. A personalidade da criança é formada pela família e pode ser modificada conforme sua ação. Assim colocando regras a criança poderá “aderir” às noções de limites.

A partir dessas considerações vamos conhecer então um pouco sobre a definição da personalidade e o que teorias abordam sobre o assunto, assim como analisar a construção de regras/ limites e disciplina abrangendo a infância na pós-modernidade.

1.1. Condições atuais da educação infantil, família, escola e mídia

Quando conversamos com alguns avós, professores de uma outra geração ou ainda com pessoas mais velhas sobre a infância, ouvimos muitas “queixas” sobre as crianças de hoje. Queixas como: “as crianças de hoje são mal educadas”, “as crianças não são mais as mesmas”, ou “na minha época, criança era criança, não tinha que ficar dando opinião em nada, hoje querem mandar em tudo”... Enfim, uma geração que vivenciou um determinado conceito sobre infância e diferente modo de compreendê-la.

Diferentemente do que se pensava outrora, que a sensibilidade em relação à infância era um elemento permanente da natureza humana e, portanto, não mudava, hoje sabemos que ela tem variado em relação às diferentes organizações sociais e às suas respectivas classes, camadas e grupos sociais; às diferentes culturas e aos diferentes tipos de governo. Portanto em um mesmo momento histórico convive-se com vários tipos de preocupação que, por sua vez, engendram formas distintas de relacionamento adulto-criança. (FARIA, 2002, p. 57).

O que se pode notar é que a infância não é estática, ou seja, a concepção sobre infância, ou ainda, ela em si é social. De acordo com o momento histórico, conforme a sociedade e cultura haverá suas próprias abordagens sobre a infância.

Isso demonstra que não há regras pré-estabelecidas ou corretas de tratamento à criança, mas há diversidade. Assim, as comparações dos “avós” estão relacionadas a um modo de ver a infância, conforme sua época histórica e cultural, onde o adulto tinha certas formas de controle sobre elas. No entanto, não é assunto dessa pesquisa discutir os conceitos de criança na história e sociedade, mas a problemática demanda uma breve contextualização para a compreensão de alguns dilemas que perpassam a questão da infância e da educação infantil hoje.

Instituições para criança: cenários de educação



(1980) Uma creche para estar juntos

(TONUCCI.2003.p.39)

Hoje, a responsabilidade da educação das crianças pequenas*, em nossa sociedade não é mais de exclusividade da família, até a estrutura familiar está modificada, *“a infância começou a mudar, nos anos 50, 80% das crianças viviam em lares onde os pais biológicos eram casados um com outro... Antes do final dos anos 80, o número de crianças que viviam com os dois pais biológicos caiu para menos 12%”* (STEINBERG. 2001. p.13).

* Relacionarei o termo “crianças pequenas” à faixa etária de zero a seis anos, considerando-as também como primeira infância, assim como se utiliza na sociologia da infância, abrangendo assim a valorização da cultura infantil e suas características.

É cada vez mais freqüente crianças pequenas estarem um período longo de seu dia longe de seus familiares, por isso a busca da construção de uma identidade na educação infantil é hoje assunto tão abordado e pesquisado. A discussão é que as crianças não estão mais nesses espaços somente porque a família precisa trabalhar, mas as instituições estão se tornando espaço de cultura e crescimento infantil.

Neste novo cenário, o bem-estar da criança pequena deixa de ser preocupação ou encargo restrito à esfera privada, tornando-se um capítulo das políticas públicas, objeto de reivindicação e negociação entre atores sociais, passível de regulamentação e controle estatais além de normatização científica. Enfim, assistimos, neste século, à publicização da vida infantil ou como afirmou Verret (1979:103), à 'coletivização de práticas anteriormente privadas'. (ROSEMBERG. 1995. p. 167)

Diante dessa "publicização" da infância, a responsabilidade sobre sua educação também é modificada, saindo da esfera restrita aos pais e/ou família, e ampliando para as instituições públicas e privadas de educação infantil, que passam a exercer grande influência sobre o cotidiano das crianças hoje.

Assim, o contato com diversos adultos que não são de sua família, além do contato com outras crianças constituem o cotidiano dessas na nossa sociedade, permitindo-lhes que tenham acesso à diversidade cultural e também ampliem seu conhecimento de mundo:

Esta educação extra familiar do filho pequeno não significa iniciar mais cedo as aprendizagens escolares, mas permitir-lhe experiências diversas e favoráveis a seu desenvolvimento psicológico, graças ao aporte de um ambiente educativo especialmente previsto para este fim. (ROSEMBERG. 1995. p. 170)

Neste cenário de educação infantil, novos conceitos vão se formulando, ou velhos conceitos estão sendo re-formulados, pois não será somente com a "influência" familiar que a criança construirá sua personalidade. O espaço da educação infantil possibilita

que estas possuam contato umas com as outras, construindo relações, experiências, convivências, regras e negociações, enfim, construindo cultura.

Reconhecendo-se, cada vez mais, a ocorrência, na interação criança-criança, de processos constitutivos da identidade, da capacidade simbólica, da comunicação... interagindo, as crianças criam e negociam regras, assumem e atribuem papéis, elaboram códigos comunicativos e partilham significados e conhecimentos. (CARVALHO & BERALDO. Cad. Pesq. Nov. 89. p.59).

Com essa mudança de foco da educação das crianças, saindo da esfera familiar e estando em conjunto com a escola, surgem novos desafios sobre a educação.

Trata-se de relações, ambientes e diversidades culturais diferentes nas quais e com as quais a criança conviverá e assim questões como regras, disciplinas, limites, concepções de educação entram em cena como desafios para pais e professores.

Nesta perspectiva, o conflito surge em relação à família e à escola (isto inclui todo o ambiente escolar), onde um deixa ao outro a responsabilidade dessa educação. Porém a atribuição de culpa não resolve o dilema, mas a necessidade de acordos, parcerias e respeito são primazias que contribuirão para o melhor relacionamento e crescimento saudável da criança com sua família e escola.

No entanto, dizer que o desenvolvimento infantil ocorre somente nestes dois pólos, família-escola, seria simplista demais. Os meios de comunicação, principalmente a mídia contribui muito para a construção da identidade da criança. Recebendo críticas e sendo centro de discussões quanto a sua influência na educação das crianças. E, muitas vezes denominada como “babá eletrônica”, pelos radicais que a abominam.

Nesta perspectiva, além do programa da “Super Nanny” como já citado no texto, que propõe auxiliar a “disciplinar” as crianças, há outros veículos de comunicação que querem “dar uma mãozinha” aos pais quanto à educação de seus filhos. As revistas, por

exemplo, Crescer, Pais e Filhos, etc. acabam servindo como manual para pais que não sabem como lidar com uma criança.

Estas revistas, como há muitas outras no senso comum, discutem assuntos práticos visando a soluções de problemas que consideram que as famílias e até instituições de ensino vivenciam. A revista Crescer, por exemplo, do mês de julho de 2006, da editora Globo, traz na capa os seguintes assuntos: “TV e bebê – Crianças com menos de 2 anos podem assistir? Para as maiores o que há de bom? Como fugir do que não presta? Mais: Um superguia com o melhor da programação”. Na revista ainda há mais sobre o educar: “Seu filho é hiperativo ou mal-educado? O que diferencia a doença da falta de limites”.

Como vemos não se pode limitar o desenvolvimento da criança somente à escola e família, porque existem vários elementos que contribuem para o crescimento da criança, assim como a relação entre as próprias crianças. Ressaltando, porém, estes dois cenários, família e escola, os demais são fortalecedores, contribuintes e elementos que permeiam a infância. Como podemos conceber a formação da personalidade da criança nessas condições?

1.2. Discussões do que é personalidade e limites

Englobando os aspectos apontados acima sobre as mudanças da responsabilidade da educação das crianças não sendo de exclusividade familiar, mas também das instituições, além de outros fatores culturais, surge o questionamento de como ocorre esta construção da personalidade, ou, como a criança se constitui?

Neste âmbito, existem diversas justificativas do senso comum nas conversas de pais, professores e mídia.

Já presenciei e vivenciei também, em nossas conversas entre professores ou em reuniões sobre as atitudes das crianças, a relação de seus comportamentos como características próprias dessas crianças. Sendo assim, tal criança chora demais, porque sua “natureza é chorona”, ou ainda “este bebê faz manha porque tem o gênio forte, sua mãe falou que desde recém-nascido ele é assim”.

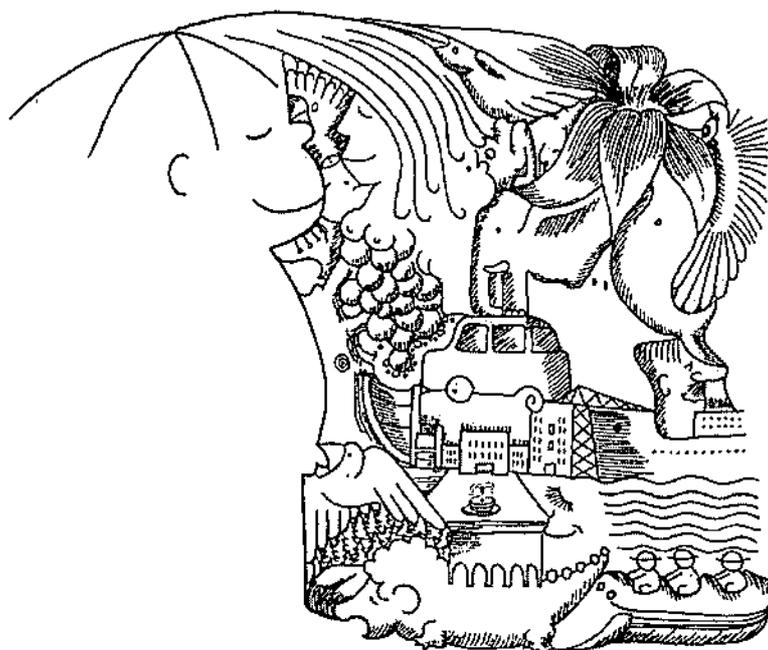
A concepção do comportamento, temperamento e personalidade já adquiridos no indivíduo desde seu nascimento influencia no conceito de educar e relação professor aluno, mas a discussão sobre tais conceitos não é muito freqüente na educação, limitando-se ao senso comum.

Geralmente as instituições de educação e nós professores atribuímos somente aos pais à responsabilidade de impor regras e limites as crianças. Este tipo de visão também influencia sobre o relacionamento de adulto-criança, conceito de criança, ensino aprendizagem, enfim está muito ligado ao desafio sobre o educar.

Estas duas questões – Como se dá a formação da personalidade da criança, e como se estabelecem na relações as regras e limites, fizeram que eu percebesse como estão ligadas e presentes em nosso cotidiano de professor de educação infantil. Diante disso, proponho-me a investigar e conhecer as diversas concepções sobre o assunto a partir de um estudo teórico sobre o mesmo.

CAPÍTULO 2.

Personalidade: conceitos, teorias e discussão na educação



(1975) A pele: limite entre eu e o mundo

(TONUCCI.2003.p34)

Numa instituição de educação infantil temos crianças e adultos que convivem por um determinado período em conjunto. Neste espaço, passam a se conhecer e vivenciar diversas situações juntos. Esta educação, nas instituições, que já discutimos acima há o encontro de indivíduos que possuem necessidades semelhantes, tem seus limites, porém divergem quanto a sua individualidade, sua cultura e preferências. Ser professora de uma instituição infantil é tentar contemplar este desafio de conhecer e contribuir com o desenvolvimento de cada criança, dessa forma, meu papel não é determinante, mas participante dessa interação de relacionamento porque estou neste cenário:

O educador de creche também se constitui enquanto tal, nas relações e interações que estabelece tanto com as crianças, como com as famílias e com outros profissionais da instituição. Ele vai se constituir de forma diferente

conforme percebe o seu papel na creche e junto às crianças (OLIVEIRA, [et. al.]. 1992. p.32)

O maior desafio, para os educadores de crianças pequenas é compreender cada criança respeitando sua singularidade e maneira de aprender. Há, nesse contexto concepções que determinam a ação com as crianças. Na creche em que eu trabalho, por exemplo, a chegada das mães para entrega dos bebês ocorre dentro do próprio berçário no lugar que chamamos de “salão”, onde há um grande espaço que os bebês ficam no chão. A mãe chega com o J. entrega a uma das professoras que o coloca no chão, ele olha para a professora levanta os braços e começa a chorar. A professora conversa com ele, que continua chorando copiosamente. A mãe observa, depois se aproxima de mim e diz: “Nossa como ele é dengoso, né?! Isso é dele, sempre foi assim...” Depois em um outro momento uma das professoras comenta a situação dizendo: “não tem jeito a criança quando tem que ser manhosa nasce assim, olha o M. (referindo-se a uma outra criança da mesma idade) ele não chora, é tranqüilo, também os pais são tranqüilos, isso ‘puxa’ (dizendo que a criança herdou da família), tem muito haver!”.

Epistemologia apriorista é bastante forte entre os professores... que acredita que o individuo, ao nascer, traz consigo já determinadas, as condições do conhecimento e da aprendizagem que se manifestarão ou imediatamente (inatismo) ou progressivamente pelo processo geral de maturação. Dentro deste paradigma poderíamos citar os teóricos da Gestalt e os do Construtivismo. (ÂNGELO. 2003 p.12)

No caso acima, presenciado no berçário, a fala da mãe da criança e da professora demonstra a concepção delas em relação à constituição da personalidade do garoto. Para elas J. nasceu assim com essa característica de “manhoso”, ou seja, ser uma criança “dengosa” faz parte de sua personalidade já adquirida com o seu nascimento.

Demonstra que a concepção que o professor tem sobre como o homem se constitui, influencia e bastante em relação a sua postura com as crianças e também no processo de ensino – aprendizagem, no que se refere à questão de formação de regras.

Teresa C. Rego discute em seu artigo sobre a concepção da singularidade humana que os educadores possuem. Partindo do questionamento: “Cada pessoa tem características próprias e diferentes modos de ser e de pensar, capacidades, valores, comportamentos etc. Qual seria a origem dessas diferenças?” (2000 p. 80).

Diante desse questionamento, segundo a autora muitos professores ficaram confusos para responder ou ainda colocaram que nunca haviam pensado sobre o assunto. Alguns educadores (14,5%) apontaram na pesquisa que a origem da singularidade humana se dá através de processos internos, ou seja, o homem já nasce com seu modo de agir, personalidade formada, “as características individuais são entendidas, assim, como imediatamente inatas (presentes desde o nascimento)” (p.81).

Nesta perspectiva analisada pela autora não há a influência dos fatores sociais, a justificativa demonstra que os indivíduos nascem com suas características próprias e que possuem sua natureza “moldada” desde o nascimento, como no exemplo da justificativa da mãe e professora sobre a ação do bebê ser “dengoso”.

Um outro grupo de educadores (20,9%) explica a constituição da singularidade humana a partir de fatores externos, ou seja, o comportamento do homem é concebido através de seu ambiente e de suas experiências (abordagem *ambientalista*).

Para a maioria dos educadores (50%), a origem do comportamento do indivíduo ocorre através de fatores internos e externos, explicam que “o indivíduo nasce com algumas características (valores, capacidades, inteligência, tipo de comportamento, caráter etc.) que, somadas às influências do meio (aqui entendido como: experiência de vida, origem cultural, social e familiar), podem se modificar” (REGO. 2000 p.84).

Embora os professores afirmem a influência interna e externa sobre a formação da singularidade, o grupo diverge em sua resposta na afirmação e explicação desses

fatores, mostrando assim que embora atribuam fatores para explicar a origem da singularidade humana, há ainda muitas dúvidas sobre a complexidade deste assunto.

No livro de Oliveira, Zilma M. [et. al.]. 1992, sobre creches há também uma discussão sobre a constituição do indivíduo, justificando que para uma proposta pedagógica de qualidade na creche se faz importante conhecer o desenvolvimento humano, para possibilitar a construção do conhecimento das “crianças sobre o mundo que as cerca e de si mesmas enquanto sujeitos neste mundo” (p.27).

Nessa perspectiva, as propostas existentes nas creches devem ser intencionais, e não permanecendo sob o senso comum, um espaço de improvisos, mas não de improvisações, isto é, na rotina e na relação com as crianças, assim modificamos espaços, movimentos e nos comunicamos com as crianças de maneira a construir neste ambiente conhecimento e também diversidades culturais. Para que isto ocorra é importante que o professor tenha o esclarecimento do desenvolvimento humano e como este se constitui.

Contextualizar o que é personalidade e como o homem se constitui conforme diversas abordagens teóricas significa avançar na questão da qualidade nas creches, como Zilma Oliveira afirma.

Ao abordar sobre a constituição do indivíduo, relaciona-se com as suas características e personalidade. O dicionário define personalidade como:

Define-se a personalidade como tudo aquilo que distingue um indivíduo de outros *indivíduos*, ou seja, o conjunto de características *psicológicas* que determinam a sua *individualidade* pessoal e social. A formação da personalidade é processo gradual, complexo e único a cada indivíduo. O termo deriva do grego *persona*, com significado de máscara, designava a "personagem" representada pelos *actores teatrais* no *palco*. (site de pesquisa).¹

Tal definição, porém não possibilita ainda sabermos sobre como se dá a constituição dos sujeitos. Seriam estas *características psicológicas* que diferenciam um

indivíduo do outro, existente em nossos genes, ou ainda somente adquiridas no nascimento? Existem teorias que relacionam de modo diferente a constituição do homem.

Oliveira ressalta três concepções sobre o desenvolvimento humano: a *inatista*, a *ambientalista* e a *interacionista*. O conceito de *inatista* está relacionado com as características do indivíduo já adquiridas desde nascimento. Portanto, o temperamento, atitudes ou características individuais já nasceriam com a pessoa, “as qualidades básicas de cada ser humano já estariam definidas por ocasião do nascimento e as várias fases do desenvolvimento estariam predeterminadas” (OLIVEIRA. 1992 p.27).

Tal concepção atribui como pré-moldada, vinda com o nascimento, às qualidades nos indivíduos. Então se uma criança chora demais, se faz “birra”, ou então se é calma é porque ela nasceu assim, está no sangue... ou ainda herdou da mãe, do pai, dos familiares.

De um modo geral, a teoria inatista baseia-se na crença de que as capacidades básicas do ser humano (personalidade, valores, comportamentos, formas de pensar, etc) são inatas, isto é, já se encontram prontas no momento do nascimento. O ser humano já nasce pronto. O destino individual de cada ser humano já estaria determinado antes do nascimento.²

Na visão *ambientalista*, a constituição do indivíduo ocorre por ocasião do ambiente em que a pessoa está inserida. A criança nasce sem características psicológicas, portanto o que lhe for fornecido determinará sua constituição enquanto indivíduo. Pensar desta maneira é justificar e atribuir o comportamento das pessoas verificando seu ambiente, sua família, enfim “o desenvolvimento infantil seria assim um produto determinado basicamente pelo ambiente, segundo um ideal de comportamento que os membros de uma cultura têm” (OLIVEIRA. 1992 p.29).

¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Personalidade>. (pesquisado no dia 28.08.2006)

² site pesquisado no dia 04.09.2006

E, a *interacionista*, em contrapartida das duas citadas, não descarta o ambiente e nem o biológico, mas abrange os dois elementos. Ao nascer a criança possui suas características biológicas que vão agir sobre o meio em que estiver inserida, assim como o meio exercerá uma modificação e influência sobre ela, e isto ocorre com a interação com outros indivíduos.

É através da interação com outras pessoas, adultos e crianças que, desde o nascimento, o bebê vai construindo suas características: modos de agir, pensar, sentir e sua visão de mundo, seu conhecimento. Assim sendo, a idéia de interação (“inter-ação”), ou seja, de ação partilhada envolvendo as ações de, no mínimo, duas pessoas, é destacada. (OLIVEIRA. 1992 p. 30).

Ao se considerar o ambiente como fator determinante para a formação das características da criança, está-se atribuindo o fato dela ser passiva ao seu meio, dessa maneira tudo que a família e no caso a creche possui enquanto conhecimento, linguagem, cultura e comportamento seriam “transmitidos” e moldados a esta criança que é vista, no caso, como uma “forma”.

Utilizando como exemplo o programa da “Super Nanny”, verifica-se que este conceito *ambientalista* é predominante, pois sempre que a apresentadora vai numa casa contribuir com seus métodos, atribui ao seu ambiente, à família, a justificativa da criança ser como o é. Dessa maneira, acredita-se que moldando o ambiente, com regras e rotinas a criança irá mudar.

Por outro lado, considerar a concepção de que a criança já nasce com sua personalidade pré-moldada, por isso imutável, é atribuir a ela toda responsabilidade do que ela é. Como, por exemplo, o caso da professora que cita a personalidade, ou seja, as características e qualidades como uma herança genética na criança. Se esta possuir pais que são mentirosos os filhos os serão, é como se fosse uma “condenação genética”. Tal afirmação como pré-estabelecidas às condutas do indivíduo é muito comum na educação, como apontada no texto de Teresa C. Rego (1992), e também na observação

no cotidiano da creche em que eu trabalho. Há sempre uma observação e avaliação das atitudes das crianças e sempre esta vem associada como uma herança, ou porque os pais são assim, anulando os fatores externos e a ação da própria criança, além de excluir a mudança, ou permitir que a atitude seja somente no momento ocorrido.

Nesta discussão vou me basear na concepção *interacionista* para a compreensão da construção do indivíduo em seu meio através de exemplos, aprofundando as discussões com as idéias de alguns autores e procurando relacionar a teoria com a prática.

É importante ressaltar que uma concepção interacionista, fundamentada na teoria de Vygotsky³, enfoca que não se trata de somar as interferências do ambiente com os fatores inatos, mas se trata de uma *interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural que se insere*. (REGO. 1992. p.93)

Desse modo o espaço da creche, assim como a família, enfim o outro, seja importante também para a formação da pessoa, pois visa analisar a relação do homem entre si e com o seu meio físico e social. Nesta perspectiva compreender como o homem modifica e age sobre este meio na história e individualmente, e como utiliza de instrumentos e desenvolve a linguagem nesta relação.

Neste âmbito a criança assim como o meio em que ela está inserida não está somente como um cenário na construção da personalidade, ao contrário, estão ativos cada um com sua função. “O desenvolvimento humano vai se dar nessa rede de relações, nesse jogo de interações, onde diferentes papéis complementares são assumidos e atribuídos pelos e aos vários participantes” (OLIVEIRA, Z. 1992. p.32).

³ A abordagem sócio-interacionista numa concepção também de Vygotsky, conhecida como histórico cultural ou/é sócio-histórica tem como objetivo central caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. (Vygotsky. Em: REGO. 1995. P.38)

Em outras palavras, quando o homem modifica o ambiente através do seu próprio comportamento, essa mesma modificação vai influenciar seu comportamento futuro. Notamos, neste princípio, a integração dos aspectos biológicos e sociais do indivíduo: “as funções psicológicas superiores do ser humano surgem da interação dos fatores biológicos, que são parte da constituição física do *Homo sapiens*, com os fatores culturais, que evoluíram através das dezenas de milhares de anos de história humana” (Luria. Em: REGO. 1995. P. 41)

Os aspectos que englobam a concepção *interacionista*, na perspectiva de como o indivíduo se constitui, são, portanto decorrentes da ação do homem como capaz de transformar o ambiente em que está inserido, mas as relações que são estabelecidas entre os indivíduos também são contribuintes nesta construção. Ao pensar na construção da personalidade nesta concepção os fatores externos, o meio, família, creche outras crianças e adultos, enfim o social, contribuem de maneira ativa na construção da formação da personalidade, mas o diferencial, se dá na interação, ou seja, o indivíduo é capaz de modificar e também agir neste ambiente.

... o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados à realidade. (REGO. 1995. p.61)

Quando relacionamos estes aspectos da construção da personalidade numa visão interacional com o trabalho na creche, se destaca a questão de que os comportamentos das crianças não estão associados à sua bagagem genética, muito menos ao modelo do ambiente, mas no estabelecimento das relações que as crianças vivenciam entre si, com os adultos, através das experiências e símbolos que são construídos culturalmente e historicamente:

... estes processos não são inatos, eles se originam nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento. Diferem, portanto, dos processos psicológicos elementares (presentes na criança pequena e nos animais), tais como, reações automáticas, ações reflexas

e associações simples, que são de origem biológica. (REGO. 1995. p.39)

Assim como o assunto sobre a concepção de criança diverge, conforme a cultura e na história, abordar a constituição do indivíduo também difere, “o mundo no qual o indivíduo atua é múltiplo... o indivíduo psicológico é uma criação particularmente social” (GÓES. 2000, n71. p.116).

As possibilidades que as crianças vivenciam tanto na família como na creche nas condições atuais difere das maneiras como as crianças de décadas atrás, que não tinham acesso ao cenário das instituições, viviam e se constituíam. Por isso, a avaliação deste ambiente com uma proposta de qualidade vai além de querer preencher o tempo das crianças, trata-se da interação e da construção dessa criança enquanto indivíduo, não estando ali como mera receptora e nem pronta a “desabrochar”, mas através de suas interações e experiências esta criança irá construir sua personalidade, valores e com as múltiplas possibilidades de ser.

2.1 Contribuições de Lev Vygotsky e Henri Wallon sobre a constituição do indivíduo:

Ao indagarmos sobre a formação da personalidade na criança chegamos a uma questão que tem sido hoje amplamente debatida: a constituição do indivíduo. Com relação a esse tópico, vamos analisar as contribuições das teorias de Vygotsky e Wallon sobre o tema em questão.

Lev Semenovich Vygotsky⁴ (1896 – 1934)

Segundo a visão de Vygotsky, muito interessado pelo desenvolvimento humano, o homem é um ser social, ou seja, ele se constitui como pessoa através do contato/relação com a sociedade. Se houver, por exemplo, o isolamento de um indivíduo de qualquer sociedade e cultura, este não irá se constituir como tal, porque é também através de sua vivência com a cultura que o indivíduo se constitui:

“... como um processo de apropriação pelo sujeito da experiência histórica e cultural... o indivíduo, ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, transforma-as e intervém em seu meio. Desse ponto de vista, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura” (REGO. Caderno CEDES. n°. 35, 2000. p.85)

Este autor, citado no texto de Maria C. Góes (2000),⁵ considera a importância dos indicadores da história social como um fator relevante para a contribuição da formação do indivíduo.

⁴ A teoria de Vygotsky pertence a *psicologia genética, ligada a gênese*. Vygotsky se interessou em seus estudos analisar a origem das características psicológicas.

⁵ Revista e Educação e Sociedade. 2000, n71. p.116-131

Para Vygotsky o outro tem fundamental relevância na construção da personalidade, porque somente os fatores biológicos não contribuem para a construção do homem social.

Conforme as idéias de Janet, nas quais Vygotsky buscou em seus escritos, há uma estreita relação entre a personalidade corporal, em que o indivíduo consegue se diferenciar dos outros objetos ao seu redor, com a personalidade social, que se constitui nas relações com o grupo. No entanto, a ênfase é que a personalidade não se encontra pronta e acabada, ela se transforma e se organiza ao longo da vida.

A noção de indivíduo não pode estar ligada à de uma personalidade com características estáveis ou uniformes, que desempenha um “papel fixo”. Os papéis são variados e, portanto, o singular, construído ao longo do desenvolvimento, está entrelaçado com o heterogêneo, no que diz respeito tanto à personalidade quanto às funções psicológicas individuais. (GÓES. 2000).

Nessa interação com o mundo, a partir do nascimento, há a interferência como uma ponte entre a criança e o mundo, criado pelo homem, que são os signos. A linguagem é um elo entre essa personalidade social e a individual. Através da linguagem oral e gestual a criança vai conhecendo as construções simbólicas ocorridas historicamente na sociedade. Nesse processo a criança passa a utilizar o “eu fictício”, ou seja, através das brincadeiras e imaginação ela utiliza os papéis de outros para construir sua personalidade.

Assim, nas brincadeiras de faz-de-conta, ela pode assumir, para sua compreensão psicológica, diversos papéis que a sociedade possui e dessa forma interagir com tais situações.

Se assumirmos essa perspectiva teórica ao pensar hoje na condição de uma instituição de educação infantil, não podemos limitar ao simples fato da necessidade e

também da importância das crianças estarem juntas, mas na complexa estrutura que elas estão construindo e ainda como isto irá influenciar em sua personalidade.

Na observação de situações imaginárias criadas, chama a atenção o fato de que, na encenação dos acontecimentos derivados do cotidiano, expandem-se, para a criança, as possibilidades de se deslocar de um papel para outro...

Nesta “apropriação” do papel do outro, neste jogo do “eu - fictício” a criança difere também o que está externo de si, o que é o outro e também:

...Ela brinca daquilo que já vivência (filha); daquilo que ainda não pode ser (mãe, médica, professora), daquilo que o código social censura (ladrão, bêbado, seqüestrador); daquilo que aspira ser (pai, mecânico, astronauta); e assim por diante. (GÓES. 2000).

A criança utiliza o brincar para “apropriar-se” da cultura e interagir com ela. Ela não está simplesmente imitando o universo dos adultos, mas está construindo complexas estruturas que não nasceram com ela, a cultura, as relações sociais, os signos, todos estes elementos não estão em sua genética, mas é na vivência que se constituem, indicando o que Vygotsky cita como, “*a dupla natureza do ser humano, membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural*”.

Ao considerar que o ser humano precisa de outro para se tornar um indivíduo social, Vygotsky atenta para o cérebro humano, estudo do qual ele, juntamente com seu discípulo A. R. Luria, se aprofundou.

Vygotsky analisa que “as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem” por isso acredita que o cérebro seja algo mutável, “como um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual”. (OLIVEIRA. Marta. 1991. p. 24).

A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda esse funcionamento psicológico do homem:

Na sua relação com o mundo mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação que o distinguem de outros animais. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento psicológico não pode ser buscada em propriedades naturais do sistema nervoso. (OLIVEIRA, Marta. 1992, p. 24).

Analisando o contexto da creche, ou dos exemplos dados neste texto sobre os comportamentos e personalidade das crianças, conclui-se, na ótica de Vygotsky, que não há como determinar o comportamento das crianças como pré-estabelecidos. Dessa forma, a criança, não tem definido seu caráter a priori, ela reage a determinadas situações conforme o que já presenciou; o que aprendeu dos outros, a mediação⁶ de exemplos e experiências que já vivenciou e que servem de elementos para as atitudes numa relação; convivência e expressão. *A presença de elementos mediadores introduz um elo a mais nas relações organismo/meio, tornando-se mais complexas.* (OLIVEIRA. 1997. p. 27)

Diante da situação, por exemplo, do menino que chora solicitando um adulto, podemos utilizar a hipótese de que este desde recém nascido era prontamente atendido a qualquer choro, ou ainda a convivência de familiares adultos responsáveis, como pais e avós antes de ir para a creche... Enfim há diversas hipóteses que poderíamos levantar para tentar explicar o porquê que J. chora na creche. Isto porque o foco não está restrito sobre a perspectiva da natureza da criança, mas utilizando a visão de Vygotsky, que é na interação com o meio social e físico e através das mediações que ele já vivenciou que J.

⁶ Mediação para Vygotsky refere-se ao *processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento* (OLIVEIRA. 1997. p. 26)

está construindo sua maneira de agir, seu comportamento com cada adulto que se relaciona, signos e significados, construindo sua personalidade.

Os aspectos sociais, históricos e culturais de que o indivíduo se apropria na interação com outros e o meio são mediados através de símbolos, como por exemplo, choro que é da natureza humana, mas no aspecto social e humano tem um significado de expressão de sentimentos, expressa algum sentido, conforme o bebê entra em contato com aquele que lhe presta cuidados torna-se forma de se expressar. A mãe/pai vai tentando decifrar quais necessidades este bebê possui quando chora. Nesta relação à criança vai perceber que pode utilizar o choro também para ser atendida, para conseguir chamar a atenção do adulto e não somente quando tem uma necessidade biológica (fome, sono, dor, etc.), mas também quando quer.

Este contato, esta interação se estabelece e constrói cada vez mais códigos e significados/interpretações, por isso rotular que pertence à natureza da criança ser de tal maneira seria invalidar toda esta relação e também a cultura dos seres humanos.

Da mesma forma, determinar que o ambiente é que molda a personalidade, é não considerar que cada pessoa age e reage de um jeito, que diante de uma mesma situação com várias pessoas da mesma idade, cultura e até sexo, cada um reagirá de um jeito, porque sua interação, seu processo se dá de forma diferente e individual.

... o desenvolvimento se constrói na e pela interação da criança com outras pessoas de seu meio ambiente, particularmente com aquelas mais envolvidas afetiva e efetivamente em seu cuidado. Experiências anteriores servem de base para novas construções, as quais dependem da relação que o indivíduo estabelecer com o ambiente numa situação determinada. (OLIVEIRA, Z. 1992.p.30)

Contudo, Oliveira, Z. conclui que ao considerar estes aspectos da teoria de Vygotsky o papel do professor é de mediador entre a criança e seu meio, assim como também os familiares. Reforça como a concepção sobre criança e como ela se constitui

são importantes para o trabalho do professor, "... fazem com que perceba e atribua significados diferentes aos comportamentos do bebê, agindo com ele de formas diversas". (OLIVEIRA, Z. 1992. p.31)

O ambiente, a forma de tratamento para com as crianças também será conforme suas concepções, por isso a mediação e linguagem são relevantes nesta interação. A creche torna-se um ambiente muito significativo, porque oportuniza para as crianças diversidades culturais, convivência com demais crianças e adultos e relacionamentos diversos em contato com o mundo social. Ela está inserida, portanto, no mundo e também estabelece relações com este; construindo sua personalidade.

Ao longo de seu desenvolvimento o indivíduo internaliza formas culturalmente dadas de comportamento, num processo em que atividades externas, funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. As funções psicológicas superiores, baseadas na operação com sistemas simbólicos, são, pois, construídas de fora para dentro do indivíduo. (OLIVEIRA, Marta. 1992, p. 27)

Contribuições de Henri Wallon (1879 – 1962)

Wallon em sua teoria busca entender o psiquismo humano através das análises nas crianças, considerando o sujeito amplo, sendo este ser de afeto, emoção, movimento e inteligência. O sujeito toma consciência de si e caminha para a autonomia enquanto se reconhece como parte do mundo em que vive.

Para ele o sujeito constrói-se nas suas interações com o meio e dessa forma analisa a criança especificando suas etapas de desenvolvimento, “Wallon admite o organismo como condição primeira do pensamento, afinal toda função psíquica supõe um equipamento orgânico” (GALVÃO, 1995, p. 29).

No entanto não é o bastante afirmar que só se define com o biológico, por isso ele afirma que “... o homem é determinado fisiológica e socialmente sujeito, portanto, a uma dupla história, a de suas disposições internas e a das situações exteriores” (GALVÃO, 1995, p.29).

Em seus estudos procurou abordar o ser humano em um conjunto integrado, que abarque os vários campos funcionais, nos quais se distribui a atividade infantil (afetividade, motricidade, inteligência) (GALVÃO, 1995, p.32). E, com estes estudos analisa o desenvolvimento infantil e observa suas características, possibilitando viabilizar o crescimento e a construção da personalidade na infância:

A criança pequena repulsa os outros e se interessa pelo que é seu. Há um espaço ao redor de seu corpo que é tido como parte de si. Nesse espaço estão incluídos sua postura, seus gestos e seus odores, e estes lhe agradam. Esse é o primeiro sentimento de identidade ligado às impressões sensoriais. (BETIOLI, P. 36. 2004)

Assim, Wallon considera que o desenvolvimento da pessoa ocorre como uma construção progressiva em que sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Quando nasce, o bebê possui suas características fisiológicas e

através do contato com a sociedade, ou seja, o contato com o espaço, as pessoas, a comunicação e as diversidades culturais inseridas contribuem com o contexto do desenvolvimento.

O fator biológico existente no homem desde sua formação/concepção cede espaço ao social que vai tomando grande influência no desenvolvimento da criança. Considerando a cultura e a linguagem instrumentos para a evolução do pensamento, o “alimento cultural”, que contribuirá para o desenvolvimento e construção da personalidade.

Pouco a pouco o bebê vai estabelecendo correspondência entre seus atos e os do ambiente, suas reações diversificam-se e tornam-se cada vez mais claramente intencionais. Pela ação do outro, o movimento deixa de ser somente espasmo ou descargas impulsivas e passa a ser expressão, afetividade exteriorizada. O sorriso é uma reação que exprime bem esta transformação. No início o bebê sorri sozinho, sem motivo aparente, é um sorriso fisiológico. Em seguida passa a sorrir somente na presença de pessoas, num sorriso social. Já no segundo semestre de vida distingue-se, na atividade do bebê, a presença de emoções bem diferenciadas, como alegria, perplexidade, medo, cólera (GALVÃO. 2005. p. 61)

O bebê constrói relações, onde só havia impulsos, como por exemplo, o sorriso, passa a ter um significado, uma expressão, dessa forma não se limita mais ao fisiológico, mas ao social, por isso a importância do “*alimento cultural*”, que irá fornecer os conhecimentos e contribuirá na constituição do indivíduo.

É interessante verificar como Wallon considerou através de estágios o desenvolvimento humano, em cinco estágios, segundo Galvão:

Estágio impulso-emocional:

Ao nascer o bebê começa a exercer o contato com o mundo e assim a interagir com este. Primeiramente encontramos suas necessidades fisiológicas, que se manifesta através de impulsos ou de reações como o choro. O estágio impulso emocional refere-se ao primeiro ano de vida, onde a emoção será o instrumento de interação da criança com

o meio, “... a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas” (GALVÃO. 2005 p. 43).

Estágio sensório-motor e projetivo:

De um ao terceiro ano de vida, quando a criança começa explorar o ambiente físico. Ocorre à exploração sensório motora do mundo físico. Nesta fase, ela está curiosa para descobrir, “com seu corpo” com o andar, arrastar e também com a linguagem, o mundo a sua volta. Neste período também se inicia a aquisição da linguagem. O pensamento é *projetivo*, porque “... ainda nascente, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, o ato mental “projeta-se” em atos motores”. (GALVÃO. 2005 p.44). Nota-se que aqui não há mais predominância do afetivo, que não foi descartado, mas nesta fase o mais predominante na criança será sua parte motora, o cognitivo será bem relevante neste contato com o meio.

Estágio do *personalismo*:

Esta fase engloba a questão da construção da personalidade, que vai dos três aos seis anos. A criança toma noção de si em sua consciência, através das interações sociais, dessa forma seu interesse volta ao afetivo, ligado às pessoas.

Podemos destacar aqui que, embora Wallon coloque esta fase como a formação da personalidade não descarta as outras como contribuintes de sua formação, porque considera a constituição do indivíduo como um processo contextualizado e não ignorando as fases como fragmentadas. Por isso, abordei neste texto todas as fases que Galvão escreve sobre os estágios de Wallon.

Estágio Categorical:

Por volta dos seis anos, já vivenciado diversas experiências na área motora e cognitiva, assim como diferenciado do contexto exterior, com a *consolidação da função simbólica e a diferenciação da personalidade*, ocorre avanços no plano da inteligência.

A criança tem seu interesse para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior.

Estágio da *adolescência*:

“... crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados “as modificações corporais” (GALVÃO. 1995. P. 44)

Aqui há a predominância da afetividade já que trará o questionamento quanto a personalidade e existência.

Ao pensar na constituição do indivíduo com as contribuições de Wallon, verifica-se que há um grande envolvimento do ser biológico com o ser social, ou melhor, daquilo que o indivíduo traz como sua característica biológica com o que vai adquirindo no contato com a sociedade.

Wallon utiliza o termo *predominância funcional* para caracterizar a oscilação, conforme as etapas de desenvolvimento das predominâncias afetiva e cognitiva.

Considera que a criança irá interagir com tudo que está exterior a ela e na construção do que é real e no conhecimento do mundo físico, denominando de predomínio do *caráter intelectual*. Quando há a relação com o mundo humano, as interações e relacionamento há a *dominância do caráter afetivo*.

No entanto, estes domínios ou predominâncias, em cada estágio não estão isolados, mas sim ligados uns aos outros e fazendo parte do progresso e conquista de cada estágio.

Trata-se da integração funcional, em que ocorre a construção recíproca. Como por exemplo, no primeiro ano de vida onde há a predominância afetiva, *impulsiva* e *emocional* ocorrida através dos gestos e olhares. Já no personalismo há a afetividade com trocas de palavras, utilizando os signos e com o indivíduo capaz de se relacionar a

distância. Fato este conquistado e construído com o estágio anterior, *cognitivo*, por isso há esta construção recíproca.

Conforme os estágios de desenvolvimento, segundo Wallon, dá-se a formação da personalidade. Portanto, as variadas fases da vida humana há certa característica e mudança, não somente no físico, mas em seu ato motor, cognitivo, afetivo, intelectual, enfim na construção da pessoa. Dessa forma, existe uma construção da personalidade, não sendo determinante e muito menos fixa durante a vida, mas em constante mudança.

O estado inicial da consciência é como uma massa difusa, em que se confundem o próprio sujeito e a realidade exterior. O recém-nascido ainda não consegue se distinguir do meio, suas reações são manifestações do que está a sua volta englobando o aspecto afetivo. *O sentido do processo de socialização é de crescente individuação* (GALVÃO, 2005), ou seja, para que o indivíduo perceba seu eu, se diferencie, individualize é necessário o convívio social, as interações.

O Eu Corporal, o bebê não possui a proporção de limites do seu corpo distinto do meio, ou melhor, “ainda não diferencia o seu corpo das superfícies exteriores” (GALVÃO, 2005, p.51). Neste sentido o bebê ainda não possui o recorte corporal, ou seja, não consegue diferenciar o que é seu corpo e o que é o meio, pois não tem esta estrutura de externo formada.

A construção do recorte corporal ocorre através da interação do bebê com objetos e com seu próprio corpo. Como o levar as mãos e pés à boca, segurar uma mão a outra. Através do que está experimentando e sentindo estabelece assim a diferenciação entre o que pertence fora/externo; ao mundo e o que pertence a si, a seu próprio corpo.

Esta diferenciação entre o espaço objetivo e o subjetivo ocorre no primeiro ano de vida e é uma etapa da formação do eu corporal. A segunda, corresponde a integração do corpo das sensações ao corpo visual, isto é à junção do corpo tal como sentido pelo próprio sujeito à sua imagem tal como vista pelos outros. (GALVÃO, 2005, p.51)

O bebê, em seus primeiros meses em frente ao espelho não consegue perceber que a imagem refletida se trata da sua, pois ainda não distingue e nem se vê como os outros o vê, este processo acompanha o estágio sensório-motor e projetivo.

A criança no estágio sensório-motor e projetivo está descobrindo na interação com seu corpo o mundo exterior e segundo Wallon ela encontra-se num “estado de sociabilidade sincrética” (GALVÃO, 2005, p. 52).

Confundindo-se com que está a sua volta, “adere” à personalidade do outro e reage a situações vivenciadas por outros, como se fosse ela própria, “mistura a sua personalidade à dos outros e a destes entre si” (GALVÃO, 2005, p. 52). Isto porque a sua consciência ainda está inacabada e sua personalidade está sem contornos definidos e dispersa muito ligada ao exterior, por isso é muito comum ver uma criança de dois anos e meio se referir a si mesma na terceira pessoa.

Vivenciei isto na creche, com minha turma de mais ou menos dois anos e meio, ainda não conhecia a teoria e a questão da personalidade era assunto em que eu não pensava. Uma atividade que fazia com as crianças diariamente era a de reconhecer o nome nos crachás. Cada criança tinha um crachá com seu nome, cada um tinha uma cor, ao longo do tempo eles olhavam e pela cor reconheciam seus nomes. Sentávamos em roda e às vezes eu segurava todos os crachás e mostrava às crianças para que olhassem e identificassem seus nomes.

Segurei o crachá de um menino, Igor e questionei de quem era. Ele ao ver o crachá reconheceu que se tratava do seu crachá e falou: “É do Igor”. (referindo a si na terceira pessoa). Queria, porém que ele dissesse que era dele, utilizando o pronome possessivo “meu”, então falei para ele: “Igor, o crachá é seu, fala assim, é meu”. Ele atentamente me ouviu e satisfez minha vontade dizendo: “é seu!”.

O Eu Psíquico: ocorre como condição do eu corporal. Com o estágio do personalismo haverá a afirmação do eu, diferenciando-se do outro, mais ou menos no terceiro ano de vida, onde se inicia uma significativa mudança no comportamento da criança e no seu modo de agir com o meio.

A afirmação do “eu” começa a se tornar mais freqüente e ao apropriar mais de sua auto afirmação, passa a negar as coisas a sua volta:

A criança opõe-se sistematicamente ao que distingue como sendo diferente dela, o não-eu: combate qualquer ordem, convite ou sugestão que venha do outro, buscando, com o confronto, testar a independência de sua personalidade recém-desdobrada, expulsar do eu o não-eu. (GALVÃO, 2005, p. 53).

Na fase da afirmação do eu, os adultos geralmente se queixam das crianças dizendo que elas são egoístas e não sabem dividir as coisas. O que ocorre, é o auto conhecimento, a criança se percebe como diferente das outras, o auto conceito, negando o outro, para se auto firmar, não se trata, portanto de egoísmo, mas ela requer um papel de destaque e status perante todos, bem como de vencer, *nesta busca de superioridade pessoal, tem atitudes que podem ser interpretadas como agressivas* (GALVÃO. 2005, p. 53).

Há também a propriedade das coisas, constante posse do objeto assegurando a posse de sua personalidade, confundindo o eu com meu, *nas situações de disputa por um mesmo objeto, é comum que o desejo da propriedade conte mais do que o próprio objeto* (GALVÃO. 2005, p. 54).

Entretanto, na visão de Wallon, utilizando os estágios, a constituição da pessoa, a sua auto afirmação, a construção de sua personalidade dependerá também de fatores externos a ela, ou seja, não contanto somente com o fisiológico, mas com o que a sociedade irá oferecer e na constante interação com o outro. O ser humano é um ser social que aprende através das relações com os seus semelhantes.

Para Wallon, “o *outro* é um parceiro perpétuo do *eu* na vida psíquica. Mesmo na vida adulta, os indivíduos se vêem às voltas com a definição das fronteiras entre o eu e o outro, as quais podem desfazer-se devido a situações específicas, como de dificuldade ou cansaço. Situação típica em que esses limites se desfazem é a de enamoramento. Na paixão, o enamorado não distingue entre o seu desejo e do seu parceiro, é quase total a mistura do *eu* ao *outro*. (GALVÃO. 2005, p. 56).

Não se trata de generalizar e querer que as crianças sejam todas iguais, mas é compreender que no psíquico e psicológico há uma complexa estrutura em formação. Adaptação do que é interno próprio da criança ao que é externo, sociedade, mundo físico, enfim relações e experiências que a criança está vivenciando.

Considerando o pensamento de Vygotsky e Wallon, o homem ser biológico em interação ao meio social, só se constitui como ser social nesta relação. Podemos concluir que a construção da personalidade dependerá também do seu ambiente familiar, escola, enfim onde há a vivência da criança.

No programa da “Super Nanny”, por exemplo, a protagonista Cris Poli ao verificar o comportamento da criança como “bagunceira” ou autoritária demais, busca alternativas na mudança da rotina da casa, da família. Devemos também considerar o fator da reação da criança no caso, porque cada um tem seu próprio jeito de agir e reagir diante das situações, mas o comportamento que o adulto tem em relação à criança irá contribuir na sua ação, na construção de sua personalidade, na forma como irá agir diante de situações.

Abordar o assunto da constituição do indivíduo e sua personalidade se torna complexo porque abrange conhecer também todo o ambiente em que este vive. No caso, mais específico deste trabalho com a criança, é necessário conhecer seu ambiente familiar, seu ambiente escolar e a relação que os adultos possuem com a criança e vice-versa.

No entanto, ao considerar o todo (pessoas, objetos, lugares, relacionamento, etc.) como participante da constituição do indivíduo, tudo que está neste contexto se torna intencional e significativo.

Fundamentadas em grande parte nas crenças e costumes de seu grupo social, essas expectativas fazem com que as pessoas que cuidam do bebê organizem o ambiente deste de maneiras diversas, de forma a favorecer o desenvolvimento de comportamentos que consideram apropriados para essa idade. Assim, podem conversar com o bebê num caixote ou num bercinho sem visão para fora, ou podem carregá-lo ao colo ou nas costas, ou então colocá-lo no chão para que tenha mais acesso ao que ocorre ao seu redor. Essas decisões obviamente terão conseqüências diversas para o desenvolvimento do bebê, pois lhe possibilitam atuar e interagir de formas diversas com o ambiente e habilidades. (OLIVEIRA, Z. 1992.p.31)

Em se tratando do espaço da creche, a concepção sobre a singularidade do indivíduo interfere em seus espaços e na relação com as crianças. O modo com que os profissionais se relacionam com as crianças e reagem aos seus comportamentos contribui na constituição da sua *bagagem cultural*. Os significados dados às experiências marcarão na formação do indivíduo. Conforme a organização dos espaços e a expectativa dos professores em relação às crianças essas responderão nas mais diversas formas de exploração do ambiente.

O *meio* é o campo sobre o qual a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo, é dele que retira os recursos para sua ação. Com o desenvolvimento ampliam-se as possibilidades de acesso da criança às várias dimensões do *meio*. (GALVÃO. 2005. p. 100)

Toda a responsabilidade/peso de “ser assim ou assado” (citando o exemplo do garoto que chora por colo, ou dos rótulos que se dão as crianças determinando que elas “são” assim, tem personalidade, etc.) se torna menos denso, à medida que o todo é contribuinte dessa construção da personalidade.

Para concluir, o *outro* é muito significativo na constituição do indivíduo, assim como a organização do espaço que a criança vive. A interação entre eu e outro, gera a

aprendizagem, a formação de conceitos e cultura. E o *meio* se torna uma ponte dessa relação, por isso é necessário a reflexão sobre ele nos espaços das creches.

Deve incluir uma reflexão acerca do espaço em que será realizada a atividade, decidindo sobre os aspectos como a área ocupada, os materiais utilizados, os objetos colocados ao alcance das crianças, a disposição do mobiliário, etc. (GALVÃO. 2005. p.101)

Pessoas, signos e significação, interação, meio social e cultural constroem em conjunto com o biológico e qualidades pessoais a singularidade humana.

A estruturação do ambiente escolar, fruto do planejamento, deve, por fim, conter uma reflexão sobre as oportunidades de interações sociais oferecidas... É bom lembrar que a escola, ao possibilitar uma vivência social diferente do grupo familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança. (GALVÃO. 2005. p.101)

Esta relação com o outro e o meio possibilita também a construção das regras e limites, não descartando os conflitos e confrontos que existem nas relações, podendo direcionar ao aprendizado. Negar a existência dos conflitos e confrontos na sala de aula acarreta um desconforto na relação do grupo.

Ao participar de grupos variados a criança assume papéis diferenciados e obtém uma noção mais objetiva de si própria. Quanto maior a diversidade de grupos de que participar, mais numerosos serão seus parâmetros de relações sociais, o que tende a enriquecer sua personalidade. (GALVÃO. 2005. p.102)

Muitos professores resolvem os conflitos no ambiente escolar evitando os trabalhos em grupos. Mesmo assim não conseguem acabar com tais confrontos, além de negar as possibilidades de interação entre as crianças. O grupo, dessa forma, não possui interações dentro da sala de aula e ainda não vivenciam confrontos com os limites.

CAPÍTULO 3.

Estabelecimento de Limites e Disciplina na Educação Infantil e Família



(1975) Se ignorarmos nossos limites,
não podemos manter relações com os outros

(TONUCCI. 2003. p.28)

Considerar a personalidade como algo que não vem com o nascimento, não está pronto, considerar que existe a construção desta na relação com outros indivíduos; considerar ainda que há uma dinâmica nesta construção e que existem interferências, regras, comportamentos que afetam essa construção; nos leva a problematizar a questão do estabelecimento dos limites na educação.

Os comportamentos das crianças pequenas muitas vezes nos fogem do controle e até mesmo nos deixam inertes diante de certas atitudes. Podemos observar professores

radicais demais, que em qualquer situação ameaçam, punem e por outro lado têm professores permissivos demais, que com o receio do autoritarismo cedem perdendo a noção da relação. Dessa forma também ocorre com familiares.

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professor e alunos. Turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre os alunos e destes com o professor são alguns exemplos de dinâmicas conflituais que, com frequência, deixam a todos desamparados e sem saber o que fazer. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando como “termômetro” do conflito. (GALVÃO, 2005. p.104)

Na primeira infância este assunto é também comum entre os professores, permanecendo também as dificuldades dos educadores em saber lidar com esta questão com as crianças e familiares.

A maior divergência está no fato de compreender, primeiramente, o que se entende por regras, limites e disciplina. Entender o que cada palavra significa no ambiente escolar, possibilita a compreensão do que se espera nas atitudes das crianças e na relação entre professor-criança.

Teresa C. Rego (1996) discute sobre este assunto, que ela considera estar inserido no meio escolar, porém pouco discutido e entendido. Ela traz à discussão este assunto à luz das pesquisas de Lev Semenovitch Vygotsky e relaciona com as definições da concepção sobre a disciplina ou a falta dela na escola.

Ao abordar um assunto complexo como a (in) disciplina se deve apurar que tal conceito não é estático e de uma definição una, ou seja, requer que se considerem as perspectivas culturais e históricas de cada grupo, indivíduo e tempo relevando as variações que o conceito possui.

Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social. (REGO, 1996, p. 84)

Sendo um assunto muito comum no ambiente escolar entre professores, pais, alunos e profissionais ligados à educação, a (in) disciplina, limites e regras acabam tornando-se assunto corriqueiro, porém confuso quanto ao seu conceito, e limitado ao senso comum. Uma sala de aula para determinado professor poderá ter atitude indisciplinada enquanto para outro não, isso dependerá de sua concepção sobre o que é disciplina.

Yves de La Taille, (2002) analisa o assunto da indisciplina e limites, com bases na psicologia e considera que a expressão “limites” pode ser tratada abrangendo duas dimensões, uma no âmbito da *restrição de liberdade, correspondem aos deveres morais* e a outra se referindo aos limites *no sentido de superação, correspondem aos ideais; auto-aperfeiçoamento*.

Para este autor a palavra “limite” vem exclusivamente associada a uma única forma de se empregar a referida imagem: o limite restritivo, o limite como proibição. (TAILLE. 2002.p.24).

Freqüentemente há a associação da palavra “limite” à negação, ao que não pode, ou a questão de dever, essa é uma das definições ao termo.

Em resumo, os limites, no seu sentido restritivo, indicam fronteiras que não devem ser ultrapassadas, ações que não podem ser realizadas ou que não podem deixar de ser realizadas, logo, os limites remetem à restrição de liberdade que, em termos morais, chamamos de *dever*. (TAILLE. 2002.p.25)

No entanto, como se pode compreender esta palavra sem contemplar a restrição, as regras, a proibição? Yves de La Taille (2002), aborda a definição de “limites” referindo ao sentido de *superação*, ou seja, esforço, vitória, êxito.

Verificamos que tal emprego da palavra não fala em ausência de limites, mas sim da existência destes, cuja superação é admirável. Expressões que dizem respeito à superação de limites são empregadas essencialmente para falar de proezas físicas... mas também podem ser encontradas em referencia a vitória sobre certas dificuldades psicológicas (vencer o medo, timidez, etc.) (TAILLE. 2002.p.32)

Quando, se trata de utilizar a definição no sentido de *superação*, o autor utiliza a idéia de Kant (1985), utiliza superar os limites, no sentido de crescimento e aperfeiçoamento pessoal. Ou seja, o ser humano em suas limitações, busca o crescimento, enfrenta desafios, como por exemplo, uma pessoa que ao possuir intenções negativas sobre outra pessoa, se esforça para reagir de maneira positiva, supera e se aperfeiçoa para se tornar uma pessoa melhor.

Ora, o que é tal auto-aperfeiçoamento senão a procura do desenvolvimento pessoal, do crescimento, do superar limites? O que Kant nos diz é que, para ser moral, para ser digno, é preciso todo um trabalho sobre si mesmo no sentido da busca da excelência... é preciso ser virtuoso. (TAILLE. 2002.p. 32)

Porém a problemática do assunto em sala de aula com crianças pequenas e grandes remete a seguinte indagação: o que os professores esperam das crianças quando as julgam sem limites, sem regras, indisciplinadas?

O homem, conforme a visão *interacionista*, para ser social necessita de seu semelhante, ele aprende com o outro a ser homem social, a sua linguagem e sua cultura. Dessa forma, aprende também suas regras e limites. A sociedade contém em sua organização tarefas a se cumprir e executar; existem limites no sentido da restrição, e regras as quais se devem seguir, senão há as sanções.

Nosso maior desafio como professores em relação a essas regras e limites sociais está na questão de mediá-la de maneira democrática às crianças. Utilizamos, muito em nosso dia-a-dia, a palavra *autonomia* como meta a alcançar com nossos alunos, porém nos tornamos confusos em sua prática, pois mais uma vez ficamos a desejar sobre a sua compreensão.

“O sufixo *nomia*, comum aos três termos, vem do grego *nomos*, e significa regras... quando se fala de *a-nomia*, refere-se a um estado de ausência de regras... O prefixo *hetero* significa vários, e isso leva à compreensão da *hetero-nomia* como um estado em que a criança já percebe a existência de regras, mas sua fonte é variada... a *auto-nomia* significa que o

sujeito sabe que existem regras para se viver em sociedade, mas a fonte dessas regras está nele próprio, como sugere o prefixo auto” (ARAÚJO.1996. p.104)

Para Piaget, todas as pessoas passam pelas três fases para que chegue à autonomia racional, sua moralidade, ou seja, “para construir a capacidade autônoma de juízo moral, o sujeito que nasce na anomia precisa construir antes, necessariamente, a heteronomia, quando então descobrirá a importância dos outros e das regras sociais”. (ARAÚJO.1996. p.106).

Este paradigma justifica as ações das crianças, “pertencentes” a fase de anomia, sem regras, por isso não conseguem cumpri-las ou respeitá-las, já que não estão internalizadas.

“...criança recém-nascida, ela encontra-se na anomia, num estado de egocentrismo radical em que não se diferencia do mundo, sem perceber a existências dos outros, sem saber que existem regras de convivência social – coisas que devem ou não ser feitas” (ARAÚJO.1996. p.106).

Após esta fase de anomia, a criança inserida numa sociedade de regras, passa a obedecer-las, porque os adultos começam a cobrar seus cumprimentos, assim está na fase de heteronomia. Percebe a existência de regras e passa a cumpri-las porque alguém lhes impõe, isso porque segundo esta concepção, “suas ações ainda giram em torno de seus próprios interesses e não em torno de um sistema de relações recíprocas e interpessoais” (ARAÚJO.1996. p.107).

Nesta perspectiva, a relação adulto-criança começa a se tornar um desafio, porque há a busca da formação de sujeitos autônomos, que estes conheçam a sociedade e que convivam harmoniosamente com as regras e os limites, porém, *os adultos tendem aproximar o conhecimento e a cultura da criança, ao invés de incentivá-la a caminhar em sua direção.* (VALDERRAMAS. 2004. p.27), ou seja, os adultos querem impor as regras e que sejam cumpridas como ordem. Surge o dilema de ser autônomo, porém

com limites impostos, onde muitas vezes os professores passam a considerar e rotular seus alunos como indisciplinados, ou sem disciplina porque estes não conseguem todo tempo cumprir suas ordens.

Uma professora do local onde trabalho confessou numa conversa, que tinha muitas dificuldades com suas crianças do maternal II (dois a quatro anos de idade). Segundo ela, sua turma de dois anos e meio, não a respeitava mais porque ela não sabia colocar limites nas crianças, ela tinha receio de lhes dizer não. As outras professoras estavam incomodadas com isso, porque suas crianças não sabiam o que era limites, no sentido da restrição, e estavam indisciplinadas, ela, porém se lamentava dizendo que tinha um sério problema de se tomar uma figura autoritária sobre as crianças, deixando-as temerosas e sem iniciativa.

Analisamos os limites, principalmente no sentido da restrição. Ligado a regras e na convivência em sociedade eles existem e não há como eliminá-los e sim mediar com as crianças para que percebam que elas existem para o bem de todos. Por outro lado, surge a indagação sobre as divergências nessas relações causando um mal estar na sala de aula, e dificuldades nas relações, trata-se da indisciplinada.

A vida em sociedade pressupõe a criação e cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social... Mais do que subserviência cega, a internalização e a obediência a determinadas regras pode levar o indivíduo a uma atitude autônoma e, como consequência, libertadora, já que orienta e baliza suas relações sociais. Neste paradigma, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites. Neste caso, a disciplina não é compreendida como mecanismo de repressão e controle, mas como conjunto de parâmetros (elaborados pelos adultos ou em conjunto com os alunos, mas principalmente internalizados por todos), que devem ser obedecidos no contexto educativo, visando a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade” (REGO. 1996. p.87).

A maior inquietação de um adulto perante a uma criança e daí julgando-a como indisciplinada, é quando esta desacata suas ordens, “sai da linha”, alguns rótulos já são colocados nessas crianças que possuem tais atitudes como, “aquele menino é mal criado

não respeita ninguém não tem disciplina, não consegue seguir as regras”, *“a disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola”*. (REGO. 1996, p.85).

Há também o inverso desse exemplo, ou seja, associando a escola a sua história sobre autoritarismo e rígida demais em relação às normas e condutas, muitos hoje vêem a disciplina como algo que só ocorre por imposição e dessa forma *“a disciplina assume uma conotação de opressão e enquadramento. Portanto, todas as regras e normas existentes na escola devem ser subvertidas, abolidas ou ignoradas”* (REGO. 1996, p.86).

A questão da (in) disciplina também se torna algo que necessita discussão para que se compreenda o que se espera das crianças quando se utiliza à disciplina ou a falta dela nas instituições de ensino.

É importante ressaltar que conforme o conceito que o indivíduo, grupo e sociedade possuem sobre o termo, este afetará sobre suas condutas em relação à mesma, dessa forma compreender as diversas concepções implica saber o que se espera quando se aborda o termo disciplina na sala de aula. E, compreender as associações que são feitas para justificar a ausência de disciplina.

Neste sentido, pode-se questionar o que é disciplina? Será que a nossa disciplina pode ser ajudada ou prejudicada pela disciplina ou indisciplina dos outros (nossos colegas ou alunos)? (MACEDO. 2005. p. 143).

Como analisar a disciplina em relação ao tempo?... Como analisar a disciplina em relação ao espaço? ...Como analisar a disciplina em relação às pessoas?... Como analisar a disciplina em relação ao processo de conhecimento?, etc. (MACEDO. 2005. p.144)

O que o autor afirma é que a temática se torna complexa por ser relativa, ou seja, pode-se em determinados momentos ser disciplinados e em outros não, não existe nada estático e as situações ficam relativas ao ambiente e ao processo das coisas, ou melhor, conforme o vivido.

Em seu sentido primordial, a disciplina refere-se a discípulo. Expressa a relação entre uma pessoa que sabe e que é importante para alguém ou para uma cultura e aquele que querem aprender com ela. Essa relação tanto pode se expressar entre adultos como entre adulto e uma criança... disciplina equivale à ação de instruir, de educar, de dar ciência, de construir uma ordem, sistema, princípio ou moral. (MACEDO. 2005. p.145)

O autor qualifica a disciplina no sentido de ordem para conseguir conquistar algo, ou melhor, para chegar a um fim, realizar uma tarefa. Dessa maneira, a falta de disciplina, a indisciplina, causaria o caos e, portanto, o não cumprimento da tarefa.

Verifica-se que, mais do que achar as crianças sem limites, sem disciplina, tem-se que verificar o contexto, o que as deixa assim, estamos inertes em relação as nossas crianças? Deixamos de lhes propor desafios? Superação? Não há mediação à criança para que elas consigam cumprir as tarefas e regras que elas mesmas ajudam elaborar?

Uma outra perspectiva sobre a (in) disciplina possibilita a conhecer mais sobre a amplitude do tema e como se difunde entre os professores e familiares, como mostra Teresa Rego, (1996):

Outros parecem compreender que a manifestação de maior ou menor indisciplina no cotidiano escolar está relacionada aos traços de personalidade de cada aluno: “Fulano é terrível, não tem jeito! Sicrano Nasceu rebelde, o que eu posso fazer?”. Deste modo, atribuem a responsabilidade à própria criança ou adolescente, deixando transparecer uma concepção de desenvolvimento inatista... Os traços comportamentais de cada aluno não poderão ser modificados pois já estão definidos desde o nascimento, fazem parte da “natureza de cada individuo (p.86)

E ainda, a algumas generalizações dos indivíduos:

Uma outra maneira de justificar as causas da indisciplina na escola, bastante presente no ideário educacional, se refere à tentativa de associar o comportamento indisciplinado a alguns “traços inerentes” à infância e à adolescência: “Os adolescentes são, de um modo geral, revoltados e questionadores, não adianta querer lutar contra isto”; “As crianças são

egocentradas, por isso apresentam tanta dificuldade em entender as regras e necessidades do grupo”; “Criança é indisciplinada e desobediente por natureza, precisa ser domada”. Neste paradigma, as características individuais também são dadas a priori, pois estão relacionada à etapa da vida em que o aluno se encontra. (p.87)

Vygotsky considera o ser humano, cultura e a sociedade sempre em transformação, numa perspectiva histórico-cultural, ou seja, os indivíduos não estão passivos na sociedade e cultura, assim como não nascem com tudo já estabelecido, mas através com o contato com seu meio e interação, sempre “*submetidos a ininterruptos e recíprocos processos de desenvolvimento e transformação*” (REGO. 1996. p.92)

O homem se diferencia dos animais porque possui diferente modo de funcionamento psicológico, consegue sistematizar uma ação antes de ela ocorrer, possui imaginação, entre outros. Isso só o homem possui e o desenvolvimento dessas *funções psicológicas superiores* no homem só ocorre através das relações com outros e com o meio (cultura, sociedade).

As características do funcionamento psicológico assim como o comportamento de cada ser humano são, nesta perspectiva, construídas ao longo da vida do indivíduo através do processo de interação com o seu meio social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes” (REGO. 1996. p.93)

A linguagem é um dos fatores externos que exercem influências e mediações na constituição do indivíduo enquanto homem social, pois através dela o homem se expressa, entende e compreende. Constitui como signo que contribui para que o homem se relacione com sua cultura.

Outros indivíduos também exercem “importante papel mediador... nos processos de formação dos conhecimentos, habilidades de raciocínio e procedimentos comportamentais de cada sujeito” (REGO. 1996.p.94).

Para Vygotsky a convivência da espécie humana entre si, funciona como mecanismo de transmissão de *informações, valores, habilidades, atitudes, posturas e cultura*.

Vygotsky explica que é por intermédio dessas mediações que os membros imaturos da espécie humana vão paulatinamente se apropriando, de modo ativo, dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural (REGO. 1996. p.94)

Dessa forma, num contexto histórico cultural as regras, limites e disciplina, estão associados a partir da interação com o meio, da convivência e relação com o outro, resultando no aprendizado e na formação do indivíduo. Por isso, segundo Vygotsky a educação tem um significado importante:

...os traços de cada ser humano (comportamento, funções psíquicas, valores etc.) estão intimamente vinculados ao aprendizado, à apropriação (por intermédio das pessoas mais experientes, da linguagem e outros mediadores) do legado do seu grupo cultural (REGO. 1996.p.96).

Lembrando que a aprendizagem e formação do indivíduo, na visão interacionista, não ocorre de maneira passiva, mas com a dinâmica e transformação. Por isso, a disciplina, regras e limites, para existirem na formação de uma pessoa dependem das experiências e vivências que seu grupo cultural fornece, das mediações.

Diferentemente dos animais, que já nascem com seu desenvolvimento e comportamento programado geneticamente (ou seja, suas características estão rigorosamente prefixadas em seu código genético), o comportamento e desenvolvimento dos membros da espécie humana, dependerão não somente de suas disposições orgânicas, mas, principalmente, das inúmeras influências culturais, das aprendizagens e das experiências educativas. (REGO.1996. p.95)

É importante considerar a concepção dos professores em relação à singularidade das crianças, porque justificam seus comportamentos. Ao considerar, que as crianças são indisciplinas porque têm “gênio forte” e nasceram assim ou ainda a característica da idade, estão associando ao inatismo. Se, consideram que a família tem que disciplinar,

passar os limites e a criança obedecer passivamente, associam a transmissão exclusiva do ambiente.

Na visão sócio-histórico, portanto:

...é possível afirmar que um comportamento mais ou menos indisciplinado de um determinado indivíduo dependerá de suas experiências, de sua história educativa, que por sua vez, sempre terá relações com as características do grupo social da época histórica em que se insere. (REGO. 1996. p. 96).

Estas experiências, história educativa que Teresa C. Rego (1996) ressalta como contribuintes nos comportamentos e atitudes das crianças referem-se ao seu grupo, seu meio, ou seja, onde esta criança vive.

Neste contexto, a família é grande referência na formação das atitudes e comportamentos das crianças, ou no estabelecimento dos limites e na questão de disciplina.

O primeiro contato social que a criança tem é com sua família, é ela que possui grande relação com o comportamento das crianças, pois *a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.* (REGO. 1996. p. 97). Sob este assunto Teresa C. Rego, nas perspectivas de Moreno e Cubero (1995) descreve algumas características sobre estilos de pais:

"Pais autoritários", além de serem pouco comunicativos e afetuosos, são bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. (REGO. 1996. p. 97). Estes pais não mantêm diálogo com os filhos, a relação se estabelece através de cumprimentos de regras e ordens, geralmente se descumpridas sofrem sanções, como castigos ou agressão física.

"Pais permissivos" valorizam o diálogo (as opiniões das crianças são frequentemente solicitadas e quase sempre aceitas) e o afeto. São pais que têm enorme

dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança. Consequentemente, são bastante tolerantes e até mesmo indulgentes em relação aos desejos, atitudes e impulsos infantis. (REGO. 1996. p. 97). Geralmente, a relação que estes pais têm com os filhos referentes à disciplina e estabelecimentos de limites, é de ameaças na maioria das vezes não cumpridas, porque estes *diante de uma situação de conflito, teimosia ou “birra” não estabelecem limites e parâmetros,* (REGO. 1996. p.97), ficando à criança a tomada de decisões.

“Pais democráticos” parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência, e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. (REGO. 1996. p. 97), Estes diferenciam e reconhecem que limites e disciplina são necessários para a aprendizagem e as possibilidades de interações, conseguem manter na prática atitudes de diálogos e referências de limites aos filhos.

Esta construção da noção de limites e sobre a disciplina é fornecida desde bebê, dos seus primeiros contatos com os familiares e assim como estes vão respondendo as suas atitudes. No exemplo da menina na creche que a mãe já havia declarado ter desistido do comportamento da filha que se joga no chão para conseguir as coisas, usa de chantagem para fazer o comportamento esperado, refere-se ao tipo de relacionamento que sua mãe e outros adultos tiveram com ela, isto porque, *é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo.* (REGO. 1997. p.99)

Atribuindo somente a esta perspectiva que a psicóloga do programa “Super Nanny” tenta modificar a postura do ambiente familiar, primeiro considera o ambiente como formador da personalidade e assim, se a família tiver regras para limitar as crianças estas terão o comportamento esperado. Ela, ao visitar uma família que se

queixa dos filhos, observa a rotina e vivência familiar e depois como metodologia leva à casa regras, uma rotina por escrito de como o dia deve ser seguido para se ter como resposta a disciplina das crianças.

No entanto, deve-se relevar que as crianças não convivem somente com seus familiares, mas num contexto social, cercadas por pessoas e culturas diferentes que também contribuem para o estabelecimento de limites e noção da disciplina e de exemplos.

... de acordo com a perspectiva histórico cultural, o psiquismo e o comportamento humano são bem mais plásticos do que geralmente se imagina. Os traços que caracterizarão a criança e o jovem ao longo de seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos socializadores, como na escola. (REGO. 1996.p.98).

As propostas educacionais e as atitudes que os professores têm com as crianças são interferências consideráveis também em relação ao que esta tomará como experiência para a construção de sua personalidade e noção do que é disciplina e limites. Portanto é importante que se considere as propostas educacionais e o espaço da instituição no cotidiano da criança, neste sentido verificando como é a relação dos adultos em relação as crianças, como elas se relacionam entre si, como os limites e a disciplina são estabelecidos nas instituições educacionais, como as crianças interagem umas com as outras e como a organização do espaço possibilita para estas interações. Neste contexto, os modelos de educação e ideologias que fundamentam as instituições de educação infantil são também assim como os estilos de família, como cita Teresa Rego em seu texto sobre a indisciplina na escola, mediadores para a interação das crianças para construir sua personalidade e noção de limites e disciplina,

Creche: Estabelecimento de Limites e (in) disciplina



(1970) A escolha

(TONUCCI, 2003, p. 128)

Através das mediações a criança se apropriará da cultura e dos valores que a sociedade possui e a família é o primeiro contato dessa criança com o mundo social, ela, portanto é influenciada pela interação da criança com o mundo, servindo como exemplo de comportamentos e atitudes. No entanto, as instituições de educação também não estão indissociáveis nesta construção sobre a formação da conduta e comportamento das crianças.

A escola, como organização burocrática, tem em sua estrutura um corpo de princípios e valores dados pelo sistema educacional, por meio de leis, decretos e papéis formalmente estabelecidos, e um outro corpo de princípios e valores construídos e reelaborados no seu interior, pelos participantes do processo educacional. Esse corpo de princípios e valores é constituído na cultura da organização escolar e direciona grande parte das interações presentes nessa cultura. (SILVA, 2001)⁷

⁷ Cad. Pesqui. no.112 São Paulo Mar. 2001. (site pesquisado no dia 09.11.2006)

A organização burocrática da mesma forma que ocorre na escola de ensino fundamental, também se estabelece no espaço da creche, assim existem normas e regras pré-estabelecidas na instituição e regras de cada professor com seu grupo. Dessa maneira, como afirma Zilma Oliveira para uma proposta de qualidade nas creches é necessário que os professores em suas práticas avaliem suas concepções sobre ensino e aprendizagem, isto abrange as possíveis maneiras de relacionamento existente na instituição. A creche é o um espaço de diversidade cultural e de convívio de pessoas que não possuem parentescos, mas se relacionam e estabelecem em conjunto a convivência, para isso muitas vezes surgem regras e alguns limites, no sentido de restrição, no entanto, estes são impostos pelas adultos, assim como ocorre no ensino fundamental.

O berçário, da creche em que eu trabalho, é organizado de maneira que os bebês possam observar todos a sua volta: os adultos, professoras, outros funcionários, visitantes, crianças do pátio, os próprios bebês, etc. neste espaço eles têm a possibilidade de entrar em contato com as pessoas e muitos objetos. Os bebês não ficam exclusivamente no colo, mas no chão, carrinhos, cadeirão, em pé, sentado. Temos atividades desenvolvidas em nossa rotina para contribuir no desenvolvimento e no convívio social.



(Espaço do berçário)

Nas atividades dirigidas⁸ que realizamos na creche com os bebês organizamos o espaço para desenvolvê-las, fazendo parte do projeto que elaboramos mensalmente. Dispomos no chão de uma lona grande ou um tapete anti-aderente em que colocamos todos os bebês e apresentamos as atividades, que pode ser uma massagem, degustação e experimentação de novos alimentos, etc. Essas atividades chamam a atenção da maioria dos bebês que se envolvem, disputam e interagem com os objetos e entre si, J. nestes momentos prefere o colo das professoras, diversas vezes tentamos colocá-lo no chão, mas insistentemente ele chorava e nós cansadas de ouvi-lo chorando não estabelecemos nenhuma condição ou limites, sempre o pegamos e acomodamos nos braços ou no carrinho. Na hora do sono, segundo a mãe, J. nunca dormiu no berço, mas sempre no peito e depois acomodado na cama, sua justificativa era que ele chorava demais, ou quando ela o colocava ele já despertava. Quando ele entrou na creche chorava tanto para dormir no berço que desistimos e deixamos que ele ficasse dormindo no carrinho e só depois de mais ou menos quatro meses conseguimos fazer com que dormisse no berço com a condição de ficar ao lado dele e batendo levemente com as mão em suas costas até que ele pegasse no sono.

Nestas condições deste bebê, o grupo sempre responsabilizou a mãe pelo fato do bebê exigir sempre um adulto por perto, como se o bebê já estivesse sem condições para mudanças. Por questões de afetividade e também de desgaste, não conseguimos estabelecer condições e muito menos no relacionamento mostrar os limites a este bebê. Como profissionais agíamos como a mãe, sem nos darmos conta disso. Ao ver este bebê chorar nos revezávamos para ficar com ele no colo, sem lhe estabelecer limites como conversar e deixá-lo no chão como os outros bebês. Não conseguíamos fazer com que

⁸ em toda a rotina da creche há uma intencionalidade, nas trocas, no hora da refeição, etc. em todo o tempo há trocas e interações, mas há um período específico que planejamos atividades direcionadas com objetos, conforme o projeto e plano elaborado pelas professoras, para realizar com os bebês.

este dormisse no berço, então cedíamos e o tirávamos, isto também ocorria devido as diversas profissionais que há neste espaço que também da mesma forma como profissional não estabelecia limites e sempre cedia.

Portanto, outras pessoas do ambiente da criança guiam seu desenvolvimento de acordo com certos objetivos e com base em suas interpretações acerca de determinadas expectativas culturais. A experiência com estes parceiros leva a criança a interagir não apenas com o mundo físico-social - no qual incluímos tanto os objetos como as outras pessoas - como também com o mundo simbólico, passando a interagir com os significados das pessoas e dos objetos, o que o indivíduo faz através do pensamento e das representações ou imagens que vai construindo sobre o mundo e sobre si mesmo.

Ao mesmo tempo que depende de sua estrutura orgânica e das possibilidades de ação que são oferecidas pelo ambiente, a criança pode escolher entre diferentes modos de comportamento e construir novos modos de ação, renovando de certa forma sua própria cultura. (OLIVEIRA, Z. 1992. p .34)

Se os professores são autoritários demais as crianças, em geral, tendem a ser submissas a ordens sem terem opções e cumprindo ordens não porque reconhecem seus limites ou conseqüências, mas porque temem as sanções.

Porém, na mesma perspectiva que Teresa Rego cita sobre os estilos de pais, os professores permissivos demais, não conseguem estabelecer limite nenhum com a criança, dessa forma elas decidirão como tudo deve ser. Pode-se citar o exemplo do bebê, que escolhia como e onde ele queria ficar, dormir etc.

Já os professores que constróem as regras com as crianças, conseguem estabelecer alguns limites e neste sentido proporcionar aprendizado. Estão colaborando para que estas aprendam a escolher e saibam receber as conseqüências de seus atos. E, isto será um processo contínuo, de muitas experiências, erros e acertos, enfim parte do desenvolvimento e da construção de sua personalidade:

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A concepção que os professores possuem sobre as crianças e como estas se constitui interfere no modo que estes profissionais relacionam e organizam os espaços nas creches com as crianças.

Esta pesquisa propôs analisar algumas situações da minha prática como professora do berçário, algumas situações que a mídia e família vivenciam e relacionar tais experiências com algumas teorias.

As concepções que os professores têm de como o indivíduo se constitui refletem no modo de relacionamento com as crianças. As concepções sobre a educação das crianças e o modo de se relacionar com elas sofre alterações conforme o tempo histórico e difere em sociedade e cultura.

Numa visão interacional a constituição do indivíduo ocorre de modo dialético, em que a criança tem ação no ambiente e nas relações que ela vivencia, por isso não se pode determinar que são passivas à herança genética ou fruto de seu ambiente.

REFERÊNCIAS:

ÂNGELO, Miriam V. Bonfim. **Algumas Considerações sobre a participação do outro na formação da personalidade do sujeito.** Trabalho Conclusão de Curso UNICAMP/FE 2003

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.** Revista Faculdade Educação. Vol. 24. n° 2. São Paulo: July/Dec. 1998 (4. artigo site)

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de,. **Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano** in Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas/organização Julio Groppa Aquino – São Paulo: Summus, 1996. pp.103-115

BETIOLI, Priscila. **Personalidade Infantil: Reflexões sobre as muitas possibilidades de ser.** TCC/ UNICAMP. 2004

CARVALHO, Ana M. A. & BERALDO, Katharina E. A., **Interação Criança-Criança: Ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas.** In: Caderno Pesquisa, SÃO PAULO (n°71), novembro, 1989. p.55-61

CRUZ, Maria Nazaré da,. **Palavras e Gestos no Jogo Interativo: Um Estudo dos Processos de Significação no Cotidiano de um Berçário de Creche** TCC/UNICAMP. 1995

ELERO, Ana Célia Silva. **Construção Social de identidade: A palavra do outro no processo de formação da subjetividade.** TCC/ UNICAMP. 1997

FARIA, Ana Lúcia Goulart de,. **Educação Pré-Escolar e Cultura: Para uma pedagogia de educação infantil.** Campinas, SP:Editora da UNICAMP. 2002.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____ **Uma Reflexão Sobre o Pensamento Pedagógico de Henri Wallon** (2. artigo site)

GÓES, Maria Cecília. **A formação do individuo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet.** In: Revista e Educação e Sociedade: Vygotsky O manuscrito de 1929 – temas sobre a constituição cultural do homem. 2 ed., 2000, n71. p. 116-131

GÓES, Maria Cecília. **Os modos de participação do outro no funcionamento do sujeito.** In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol. 13, n 42, agosto/92. p.336-341

LIMA, Julia Borges. **“Essa é uma turma difícil”- a (in)disciplina em uma turma de Educação Infantil.** TCC/UNICAMP. 2005

MACEDO, Lino de, **Disciplina: Um desafio ao processo educacional.** Em: ENSAIOS PEDAGÓGICOS: Como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 143-157.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky e o Processo de formação de Conceitos.** In: Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão/ La Taille, Yves de,. São Paulo: Summus, 1992. p 23-34.

_____. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997. p. 25-33

REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana** in: Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas/organização Julio Groppa Aquino – São Paulo: Summus, 1996. pp23- 44 e 83-101

REGO, Teresa Cristina R. **A origem da singularidade Humana na visão dos educadores.** In: OLIVEIRA, M.K. (org.). Implicações pedagógicas do modelo histórico cultural. *Caderno CEDES.* Campinas: PAPIRUS, nº 35, (2ed.), 2000. p.79-93.

_____. **Vygotsky. Uma perspectiva histórico cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 41-56; 85-92.

ROSEMBERG, Fúlvia. **A criação de filhos pequenos: tendências e ambigüidades contemporâneas.** IN: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. (Orgs.) *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira.* Rio de Janeiro, Loyola, 1995, p.167-190.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe (org). **Sem segredos: Cultura Infantil, Saturação de informação e Infância Pós-moderna** In *Cultura Infantil: A Construção Corporativa da Infância;* tradução George Eduardo Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. pp. 9-52.

TAILLE, Yves de La,. **Uma interpretação psicológica dos “limites” do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação.** Em: EDUCAR EM REVISTA, Curitiba, PR: Ed. UFPR n. 19, janeiro, 2002. p.23-37.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradução RAMOS, Patrícia Chittoni, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (ilustrações)

VALDERRAMAS, Cibele Madai da Silva. **A autoridade e a conduta do professor diante da indisciplina em sala de aula: uma abordagem democrática.** TCC/UNICAMP. 2004

VOKOY, Tatiana; PEDROZA, Regina Lúcia S. **Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação.** In: *Psicologia escola. Educação.* Campinas: Vol. 9. n° 1... p. 1-14 Junho 2005 (3. artigo site)

SITE PESQUISADOS

* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Personalidade> (pesquisado no dia 28.08.2006)

2. www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p033-039_c.pdf (pesquisado em 04/09/2006)

3. http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100009&lng=en&nrm=iso

4. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=30103-25551998000200011&script=sei_arttext (pesquisado em 09/10/2006)

www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf. Pesquisado em 18/10/2006

